



DOI 10.20396/conex.v18i0.8660930

Artigo Original

Sobre o corpo na reforma da vida

Alexandre Fernandez Vaz¹ 

RESUMO

Introdução: Reforma da vida (Lebensreform) é um movimento cultural que reúne uma série de práticas que se colocam como crítica à modernidade, reafirmando elementos da natureza em contraposição ao industrialismo. Com radicação em várias expressões culturais, encontra no corpo um de seus protagonistas. **Objetivos e métodos:** O texto objetiva dialogar, por meio de uma pesquisa documental, com a produção Daniel Gottlieb Moritz Schreber, médico importante, criador de um método ginástico e de uma proposta de vida na natureza que depois de sua morte tornou-se conhecida, em uma de suas faces, como Jardins de Schreber (Schrebergärten). **Resultados:** O artigo se ocupa de algumas das propostas de Schreber, abordando ainda Medicina natural (Naturheilkunde) e proposições pedagógicas de Rudolf Steiner. Evoca, então, críticas de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno a tópicos da Reforma da vida que seriam regressivos. **Considerações Finais:** O artigo se conclui com um balanço do movimento no que se refere ao corpo e suas expressões, tentando observar ainda algumas de suas consequências para a Modernidade e para o Contemporâneo.

Palavras-chave: Ginástica. Exercício Físico. História do Século XIX.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis – SC, Brasil.

Correspondência:

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Departamento de Metodologia de Ensino, Caixa Postal 476, Trindade, CEP 88040900, Florianópolis – SC, Email: alexfvaz@uol.com.br

Recebido em: 19 ago. 2020

Aprovado em: 18 out. 2020

On body in life reform

ABSTRACT

Introduction: Life reform (*Lebensreform*) is a cultural movement with so many practices that are critical of modernity, reaffirming elements of nature in opposition to industrialism. With roots in various cultural expressions, it has the body as a main subject. **Objectives and methods:** In this context, this paper aims, through documental research, to understand the Daniel Gottlieb Moritz Schreber's proposals. He was a main person and an important physician, creator of a gymnastic method and a proposal for life in nature that after his death on knows as, under other names, Schreber Gardens (*Schrebergärten*). **Results:** The paper studies some of Schreber's proposals, also addressing *Naturheilkunde* (natural medicine) and pedagogical propositions by Rudolf Steiner. It evokes the criticisms by Max Horkheimer and Theodor W. Adorno to topics of the Reformation of life that would be regressive. **Final considerations:** The paper concludes with an analysis of the movement regarding to the body and its expressions, trying to observe some of their consequences for Modernity and for the Contemporary.

Keywords: Gymnastics. Exercise. History, 19th Century.

Sobre el cuerpo en la reforma de la vida

RESUMEN

Introducción: La reforma de la vida (*Lebensreform*) es un movimiento cultural que aglutina una serie de prácticas críticas a la modernidad, reafirmando elementos de la naturaleza en oposición al industrialismo. Con raíces en diversas expresiones culturales, encuentra el cuerpo como uno de sus puntos centrales. **Objetivos y métodos** El texto pretende dialogar, a través de la investigación documental, con la producción Daniel Gottlieb Moritz, un importante médico, creador de un método gimnástico y de una propuesta de vida en la naturaleza que tras su muerte pasó a conocerse, en uno de sus registros, como Schreber Gardens (*Schrebergärten*). **Resultados:** El artículo se ocupa de algunas de las propuestas de Schreber, abordando también la medicina natural (*Naturheilkunde*) y las propuestas pedagógicas de Rudolf Steiner. Evoca además las críticas de Max Horkheimer y Theodor W. Adorno a temas de la Reforma de la vida que serían regresivos. **Conclusión:** El artículo concluye con un balance del movimiento con respecto al cuerpo y sus expresiones, tratando de observar algunas de sus consecuencias para la Modernidad y para la Contemporaneidad.

Palabras Clave: Gimnasia. Ejercicio Físico. Historia del Siglo XIX.

INTRODUÇÃO

A *Lebensreform* (Reforma da vida) foi um movimento que sob sua rubrica reuniu um conjunto de práticas dispersas, em grande medida presentes na Europa Central, em especial em regiões em que prevalecia a cultura germânica. Embora seus antecedentes possam ser datados de tempos anteriores, o século dezenove foi aquele em que o movimento mais floresceu, com ecos importantes na virada para o *breve século vinte*, se podemos aqui empregar a expressão de Eric Hobsbawm (1997), tanto na Europa quanto além-mar.

Resistência aos efeitos da industrialização, atualização romântica, tentativa de retomada de valores que a modernidade haveria roubado ao humano, as raízes da Reforma da vida remetem a certo orientalismo, ao nascimento da noção de “natureza” em oposição ao que seria “artificial” (como a vida na cidade), à valorização do campo, à crítica ao industrialismo. Inspirações do movimento podem ser encontradas em autores como Friedrich Nietzsche e sua crítica à *Aufklärung* (Iluminismo), bem como em várias vertentes do vitalismo germânico dos dois últimos séculos. Traços da *Lebensreform* compõem a trajetória de grandes pensadores do século vinte, como Walter Benjamin que, em alguns de seus primeiros ensaios, predica uma perspectiva de resistência à escola tradicional e defende uma vida mais próxima da natureza e mais distante da força civilizadora dos adultos, valorizando o impulso renovador da juventude (BENJAMIN, 1969).

Se o século dezenove foi marcado pelo tremendo avanço da industrialização e da ciência – a primeira até mesmo criticada em algum momento por um dos ícones dos anos 1800, Karl Marx, a segunda louvada por ele – foi também, um tempo de ponderações aos processos de modernização, tanto conservadoras quanto aquelas que poderíamos chamar de críticas. Entre elas, compõe-se um extenso mosaico de questões que incluem, por exemplo, o interesse filosófico e científico pela infância, o surgimento da Psicanálise, o desenvolvimento maciço da ginástica e do esporte, culminando, neste último caso, com a primeira edição, em 1896, dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Compondo tal mosaico, na *Reforma da vida* encontramos forte presença das questões do corpo, ele mesmo valorizado em detrimento de um excesso de trabalho intelectual que seria, no fundo, enfraquecedor. Vida na natureza, caminhadas e exercícios ao ar livre, a dança de Isadora Duncan como expressão da liberdade corporal frente à ortodoxia geométrica do balé, cultivo de plantas e flores para o contato com a terra, roupas folgadas e de tecidos orgânicos (como as de Gustav Klimt e Emilie Flöge) que rivalizassem com os espartilhos e outras ferramentas de contenção corporal – tão bem estudadas por Giorgio Vigarello –, práticas de nudismo, tudo isso procurava demarcar uma experiência de vida que recomporia as potencialidades humanas surrupiadas pela maquinaria e pela urbanização.

No presente texto, apresento alguns tópicos da Reforma da Vida em que o corpo parece como protagonista. Não faço aqui mais do que um breve comentário sobre algumas dessas práticas, destacando a emblemática e irrequieta figura de Daniel Gottlieb Moritz Schreber, médico importante, criador de um método ginástico e de uma proposta de vida na natureza que depois de sua morte tornou-se conhecida, em uma de suas faces, como *Schrebergärten* (Jardins de Schreber). De forma lateral, e por causa das coincidências com Schreber, comento aspectos da *Naturheilkunde* (Medicina natural) e das proposições pedagógicas de Rudolf Steiner. Logo após visito um aparato bastante crítico à Reforma da vida, presente nos fragmentos filosóficos de *Dialektik der Aufklärung* (Dialética do esclarecimento), emblemático livro da metade do século vinte, escrito por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. Apesar da peremptória condenação da razão instrumental (mas não à razão em si mesma, como às vezes se confunde), esses filósofos nucleares da Teoria Crítica da Sociedade seguem por um caminho diverso daquele da Reforma da vida, não deixando de, em algumas de suas manifestações, passar-lhe o escrutínio radicalmente crítico. Termino o texto procurando elaborar um balanço do movimento pela Reforma da vida no que concerne ao corpo e suas expressões, tentando observar ainda algumas de suas consequências para a Modernidade e para o Contemporâneo.

DANIEL GOTTLOB MORITZ SCHREBER – OS SCHREBERGÄRTEN

Quando se fala em corpo (e saúde) na *Lebensreform* o nome que não pode ser esquecido é o de Daniel Gottlob Moritz Schreber, pai de outro Schreber, sobejamente conhecido por ter se tornado um caso para o estudo de Sigmund Freud e o desenvolvimento da Psicanálise. Como se sabe, Freud analisou e assumiu as memórias de Daniel Paul Schreber, o filho, *Memórias de um doente dos nervos* (*Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken*), em 1903 – segundo Elias Cannetti o mais importante documento de toda a História da Psiquiatria – como elemento fundamental para a comprovação de sua teoria sobre a paranoia.

Trato aqui, no entanto, do pai, e é *em nome do pai* que comentarei sua inserção como médico que atuou no sentido de uma pedagogia social, interessado no que seria a vida natural de homens e mulheres, de onde emergem temas como a ginástica, a vida da cidade, a infância, tudo isso em formas específicas e no interesse das disputas políticas de o que seria genuinamente germânico, algo ainda candente na Alemanha que Schreber não veria unificada como nação. A estruturação alemã como estado nacional foi tardia, dando margem para que a noção de *povo* encontrasse solo fértil para seu desenvolvimento, mas também para a ideia de que a Alemanha seria *uma nação cultural* indo muito além de

territórios contíguos. Desenvolveu-se aí, como em outras partes, a ideologia do *sangue e terra* (*Blut und Boden*) e também uma fascinação por perspectivas vitalistas, que colocavam o corpo e a natureza em primeiro plano. É possível, nesse contexto, ver crescer o movimento que coloca a questão “racial” como centro da política, diferentemente de outras regiões da Europa em que também tal ideologia se fazia presente, mas em versões menos extremadas. Não fora o brutal crescimento demográfico, o grande enriquecimento do “espaço” alemão no século XIX e a derrota na Primeira Grande Guerra, seguido do Tratado de Versailles, talvez o desenvolvimento das ideias e sua propagação se desse de forma diversa. Mas, nesse quadro, no século vinte, esse processo derivaria, como se sabe, no Nacional-socialismo.

Schreber nasceu em 15 de outubro de 1808 e morreu em 10 de novembro de 1861. Médico especialista em medicina interna e ortopedia, professor, diretor de um hospital em Leipzig, escreveu diversos livros sobre ginástica, educação infantil, vida na natureza e medicina natural. Entre tantos, teve publicado *Particularidades do organismo infantil na saúde e na doença* (*Die Eigenthümlichkeiten des kindlichen Organismus im gesunden und kranken Zustande*) em 1839 e *O amigo da família como educador e orientador da felicidade familiar e do refinamento humano* (*Der Hausfreund als Erzieher und Führer zu Familienglück und Menschenveredelung*), em 1861.

Schreber foi o principal protagonista do movimento de construção de jardins com pequeníssimas casas nos arredores das cidades alemãs, destinados a ser um espaço para uma experiência que a vida urbanizada, tecnológica e industrializada não podia oferecer aos habitantes da urbe. “Os relógios da Igreja haviam sido substituídos pelo apito da fábrica” (MÜLLER; KLÖTZER, 2005, p. 5), dizem dois comentadores do movimento. Os *Schrebergärten* (Jardins de Schreber) ultrapassaram a fronteira da Alemanha, chegando, por exemplo, à Áustria em 1903, em meio a outras iniciativas do mesmo tipo (ROTEMBERG, 1995). Os Jardins com essas características, vinculados ao ideário de Schreber ou ao impulso do tempo que ele compartilhou, espalharam-se por outros países europeus, como Bélgica, Inglaterra, França, Luxemburgo e Suíça, chegando-se, em 1926, à constituição de um *Office International des Jardins Ouvriers* (MÜLLER; KLÖTZER, 2005, p. 7-8).

Schreber², representaria, atualizando uma tradição que começara com a primeira associação de pequenos jardins já em 1814, uma das duas grandes linhas que levam à construção desses espaços de lazer e saúde destinados a operários, mas também a funcionários (*Die Angestellten*, na clássica análise de Siegrifid Krakauer), onde poderiam viver momentos de liberdade em relação às agruras da cidade, plantando tubérculos, hortaliças, tomates e flores, mantendo o contato

² Salvo indicação em contrário, a maior parte das informações a seguir, até os comentários que faço sobre os filmes de Leni Riefenstahl, tem como fonte a excelente compilação de Müller e Klötzer (2005). As interpretações são de minha responsabilidade.

com a terra e com a natureza em geral. A figura jurídica que oferecia posse aos usuários era algo semelhante ao que hoje conhecemos como comodato. Na verdade, o próprio Schreber, com suas preocupações relacionadas também aos espaços para crianças, os parques infantis e as pequenas praças de ginástica, não verá os jardins que depois levarão o seu nome instituírem-se com vigor. Caberá aos seus seguidores, os que constituíram uma associação com o seu nome, a consecução dos primeiros lotes. De fato, três anos depois da morte de Schreber, foi fundada em Leipzig a *Schreberverein* (Associação Schreber), em 10.5.1864. O Dr. Ernst Innocenz Hauschild foi seu primeiro presidente, e a associação contaria já com quarenta e cinco membros pouco mais de um mês após sua fundação.

Cinco anos depois é promulgada a lei que regula a instituição dos jardins na cidade e no ano seguinte, 1870, a Associação já contará com aproximadamente 100 jardins construídos. Cruz Vermelha, *Berliner* Laubenkolonisten e os *Armengärten* foram outras instituições que movimentaram os jardins a estilo semelhante àqueles propostos por Schreber.

Em 1891 o movimento já havia crescido tanto que é fundada uma Federação das Associações Schreber de Leipzig, que para si traz a responsabilidade da promoção da saúde da família, organização dos jogos para crianças e jovens, promoção de atividades culturais, boa ocupação do tempo da infância e da juventude, com atividades saudáveis que incluíam caminhadas, permanência em estações de água, instituição de jardins de infância etc.

Tomemos como outro exemplo a capital da Alemanha. Berlim é uma cidade cuja população praticamente triplica entre 1880 e 1900, chegando a quase dois milhões de habitantes, com uma organização típica de metrópole, o que inclui bairros específicos de moradia, comércio e indústria. É esse o contexto que faz com que os *Berliner Laubenkoloniste* (*Berlinenses que cultivam as plantas*, em tradução aqui muito livre) se dediquem ao plantio de batatas com o claro intuito de melhorar a nutrição, e à construção das pequenas casas (para guardar instrumentos, cadeiras e, em alguns casos, anos mais tarde, para passar algumas noites) nos jardins, como forma de mais bem aproveitá-los. Para que se tenha uma ideia de tal crescimento, no mesmo período supracitado, Berlim passou de 2500 para 40000 plantadores. Friedrich. Coenen (citado por MÜLLER; KLÖTZER, 2005, p. 6) resume bem o espírito que anima o movimento, similar ao dos *Schrebergärten*: "As cidades crescem cada vez mais horrivelmente como desertos de pedra; ao seu redor, em lugares amplos estava a natureza, o verde e o florescimento, quase que inteiramente desaparecidos da face da terra". Alvoroca-se o impulso melancólico pela restituição de um pedaço de terra. Gerlinde Krause (2012) cita a presença, nas prescrições de Coenen (1911), do relaxamento e dos movimentos corporais ao ar livre, que deveriam, nas palavras do defensor dos pequenos jardins, promover um efeito nos trabalhadores, agora vivendo amontoados em pequenos espaços no ambiente urbano, tornando-os mais capazes, felizes e saudáveis. Também seria importante o aprendizado das crianças

em relação à natureza. Coenen identificaria na dinâmica dos pequenos jardins uma “elevação espiritual, moral e material das classes baixas” (COENEN apud KRAUSE, 2012), além de uma diminuição dos encargos financeiros derivados da pobreza nas grandes cidades (KRAUSE, 2012).

Os *Arbeitergärten* (Jardins dos trabalhadores) teriam sido, por sua vez, uma criação de “cima”, tanto em Berlim quanto em Charlottenburg (hoje um bairro incorporado à capital alemã). Alwin Bielefeldt, conselheiro comunitário (uma espécie de vereador) foi seu precursor, que se impressionara com os tremendos avanços tecnológicos apresentados na Exposição Universal de Paris, em 1900. Eles se tornaram tão conhecidos e importantes quanto os *Schrebergärten*. Calcula-se que em 1911 havia algo como 30000 *Arbeitergärten* em toda a Alemanha.

Durante o período do Nacional-socialismo, o movimento dos jardins esteve sob a citada ideologia do sangue e terra (*Blut und Boden*), e chegou a acontecer um congresso sobre o tema na cidade de Nürnberg entre 28 e 31 de julho de 1933. No mesmo movimento, fundou-se a Federação Alemã dos Pequenos Jardins e pequenas colônias (*Der Kleingärtner und Kleinsiedler Deutschlands e.V.*). Em 1937 como certeza, mas provavelmente antes, já estava aos judeus vedada a posse de um jardim.

Não é pouco importante que o encontro tenha se realizado em Nuremberg cidade em que, no ano seguinte, realizar-se-ia o famoso Congresso do Partido Nacional-socialista documentado por Leni Riefenstahl e transformado no filme *Triunfo da vontade*, peça de propaganda do partido e do nazismo como cosmovisão. No documentário o corpo e a natureza exercem um papel bastante importante, seja pelo culto à personalidade das grandes lideranças – Adolf Hitler, o *Führer*, chega do céu, as primeiras imagens são do avião entre nuvens –, pelo sorriso das mulheres e crianças, pelas atividades de jogos e camaradagens dos grupos juvenis reunidos em júbilo e em ação com forte apelo misógino. Todos jovens, fortes e, especialmente, arianos, a raça destinada, por sangue e terra, a dominar. O documentário mostra uma sequência em que alguns jovens dizem de onde vêm, mencionando diferentes regiões da Alemanha. O último deles, no entanto, afirma vir de “além-mar”, demarcando a condição de germânico, seu pertencimento a um povo como mais importante do que a um Estado³.

Riefenstahl repetiria o mesmo ideário anos depois em seu documentário sobre os Jogos Olímpicos de 1936, *Olímpia*, dividido em duas partes, *Festa dos povos*, *Festa da beleza*. Lá, como em *Triunfo da vontade*, a presença do corpo como naturalmente belo ganha peso imensurável. Corpo que se faz carne ao vermos o discóbolo grego se transformando no atleta alemão, atualizando o mito

³ É conhecido o deslocamento de jovens nascidos no Sul do Brasil, mas de origem germânica, para atuarem nas fileiras alemãs na Segunda Guerra Mundial. Aleluia Gretschen, de Sylvio Back (1976) é uma bela tradução cinematográfica do culto ao nazismo no Brasil, no qual o emerge o orgulho de ver os filhos atravessando o Atlântico para oferecerem seus corpos ao morticínio bélico.

de que o germânico está para a modernidade como o grego para a antiguidade clássica, corpo que se exercita na natureza, mas que o faz também nas pistas e piscinas, corpo que se mostra ginástico. Eis uma chave para fazermos um comentário sobre outra face de Schreber, seu interesse e suas prescrições para a ginástica.

○ CORPO GINÁSTICO DE SCHREBER

Schreber escreveu dois grandes livros sobre ginástica que são, de certa forma, complementares. O primeiro tem como título *A ginástica médica para praticar em ambientes internos (Die ärztliche Zimmergymnastik)*, de 1855, e *Ginástica geral, ou o grande sistema ginástico em apenas um equipamento e sem a exigência de espaço: para escolas, para a casa, para associações ginásticas (Das Pangymnastikon, oder, Das ganze Turnsystem an einem einzigen Geräthe ohne Raumerforderniss: für Schulanstalten, Haus-Turner und Turnvereine)*.

O primeiro, em edição francesa dos anos 1960, recebeu um elogioso comentário de ninguém menos que Jacques Lacan. Nele encontra-se toda uma série de prescrições materializadas em quarenta e cinco exercícios desenhados e detalhadamente descritos em relação ao desenvolvimento, cuidados que se deve ter e efeitos sobre o organismo. São práticas que dispensam aparatos, quando muito solicitam um bastão para serem realizadas. São mostras do esforço pedagógico de Schreber (1981) em direção a uma vida higiênica amparada pelos conhecimentos da medicina.

Schreber inscreve a ginástica no grande esforço em favor da saúde pela higiene, da família, do fortalecimento de mulheres e crianças, o que inclui a prescrição de banhos regulares e o combate à masturbação. Mais importante, ele a inscreve no vigoroso ânimo de recuperação da condição germânica, abalada pela Guerra dos Trinta Anos, bem como pela presença dos esportes de origem inglesa, estranhos à tradição teutônica. Os esportes concorreram com a ginástica como prática corporal hegemônica durante boa parte do século dezenove e início do vinte. A vitória dos esportes como prática, não apenas na Europa, mas também posteriormente na América do Sul, inclusive no âmbito escolar, pode ser expressão da passagem de um modelo disciplinar de corpo para outro, biopolítico, mais correspondente também ao tipo de fisiologia, mais experimental, em voga. Lembremos que esportes e jogos atingem grandes funções fisiológicas, ao contrário da ginástica, ao mesmo tempo em que são mais facilmente aprendidos e disseminados entre a população (CRISORIO, 2007). De qualquer forma, ser alemão saudável significava fazer ginástica, daí a importância das prescrições de Schreber, que cerrariam fileira com grandes figuras da ginástica alemã, como Friedrich Ludwig Jahn e Johann Christoph Friedrich Gutsmuths.

Evelise Quitzau (2015) mostra as similaridades técnicas e os distanciamentos políticos entre Jahn e Guts Muths. Nos termos deste trabalho, interessa o apelo restaurativo que ambos imprimem em suas propostas, evocando um passado de vitalidade que teria sido perdido e precisava ser recuperado. Para isso, a natureza, na forma de espaços ao ar livre, conhecidos e preparadas com os aparatos – dominada, portanto –, ofereceria as melhores condições.

A ginástica geral de Schreber, por sua vez, podia ser feita em lugares pequenos, e não apenas com o próprio corpo e eventualmente um bastão. De forma ainda despojada, Schreber (1862) propõe também um outro modelo de exercícios, uma restrita combinação de cabos e argolas que pudessem ser deslocados com facilidade, promovendo uma variabilidade grande de exercícios a partir da reorganização simples dos materiais que, por sua vez, são todos bem descritos, em detalhes, no livro sobre a *Pangymnastikon*. O requinte chega à indicação da altura ideal do pé direito do espaço em que a prática deveria ser realizada, não devendo ser menor que dois metros e quarenta, tampouco superior a quatro metros. Um ginásio, ou mesmo um espaço livre de paredes⁴, portanto, não seria o local adequado para a prática da ginástica geral de Schreber por constituírem um espaço muito amplo, exigente de aparelhos mais sofisticados e, especialmente, maiores.

Há ainda um terceiro elemento que gostaria de destacar nas preocupações de Schreber para com a saúde, para ele uma missão e um problema educacional, qual seja, alcançar a natureza plena do ser humano. Isso inclui a construção de uma perspectiva, associada à ginástica, que poderíamos chamar mais estritamente de pedagógica, que culmina, em 1858, com o livro *Kallipädie ou a educação para a beleza e, da mesma forma, o incremento do desenvolvimento normal do corpo, do fortalecimento da vida saudável e da construção espiritual (Kallipädie oder die Erziehung zur Schönheit durch Naturgetreue und gleichmäßige Förderung normaler Körperbildung, lebensstüchtiger Gesundheit und geistiger Veredelung)*.

O livro é a grande síntese educacional da proposta de saúde e higiene de Schreber, representando uma das faces do *Aufklärung* (Iluminismo/Esclarecimento) em sua radicação moral, de autonomia e autodeterminação. Dividindo o desenvolvimento da infância (juventude ainda não era um conceito como tal) em quatro partes (um ano, de dois a sete, de oito a dezesseis, de dezesseis a vinte anos), cada qual com prescrições específicas para atividades cognitivas e corporais, a *Kallipädie* deveria desenvolver a vontade autônoma, livrando o praticante da escravidão da determinação alheia. Nutrição, sono, postura, exercícios e jogos corretos, movimentos, tudo é prescrito, descrito e ilustrado, na direção deste autodomínio corporal e espiritual (SANTNER, 1997). Ou, nas palavras do próprio Schreber:

⁴ Sobre um modelo ginástico ao mesmo tempo coincidente, mas também concorrente com o proposto por Schreber, consulte-se Soares (2013).

[É preciso] aspirar e inspirar a construção de uma Ciência da Educação racional para a força. Isso deve ser feito de tal forma que se ocupe dos requisitos básicos corporais reconhecidamente corretos, com todas as suas faces, não apenas a psicológica, mas também a disciplinar, a doutrinária e a moral. Deve ir de um estágio de desenvolvimento a outro, correspondente ao alcance natural, em especial a natureza humana em sua totalidade, quer dizer, na harmônica unificação de corpo e espírito⁵.

DOIS COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Vale aqui fazer um breve desvio de rota, para comentar as afinidades eletivas do pensamento e das propostas de Schreber com Rudolf Steiner e suas prescrições para a educação corporal, parte importante de sua pedagogia. Steiner nasceu em Kraljevec, no então Império Austro-húngaro, em 27 de fevereiro de 1861, mesmo ano da morte de Schreber, e morreu na Suíça em 1925. Entre seus muitos trabalhos figuram várias orientações pedagógicas responsáveis por sustentar a *Waldorfschule*, movimento educacional no interior da Antroposofia. A ginástica ganha aí um peso bastante grande nas práticas de Educação Física, combinadas com vários cuidados com a saúde, o que inclui a alimentação natural e a constituição de um par com outra disciplina a ser ministrada, a Eurritmia, entendida como um conjunto de movimentos que interpretariam texto, sobretudo poesia, pelo corpo.

Para Steiner, o desenvolvimento da criança não pode ser atrapalhado pelo adulto, mas amorosamente balizado por ele, permitindo que a natureza faça seu papel. Trata-se de deixar que o organismo se desenvolva porque é ele também espiritual, e as intromissões que não atrapalhem a natural maturação, sob pena de se chegar à velhice com défices e desarranjos na organização do corpo e do espírito. "Toda educação é, no caso da criança, educação corporal. Não se pode educar o aspecto físico em separado, pois toda educação anímico-espiritual na criança é corporalmente atuante – é educação física". (STEINER, 2005 [1923], tradução modificada). As crianças seriam, especialmente até os três anos de idade, pura sensibilidade.

A importância do desenvolvimento "natural" das crianças chega ao ponto de Steiner relacioná-la com a troca dos dentes-de-leite pela dentição permanente:

A totalidade do comportamento sensório-físico da criança, em que

⁵ „den Ausbau einer rationellen Erziehungswissenschaft nach Kräften anzuregen und anzustreben. d. h. einer solchen, wobei nicht nur der physische, sondern auch der disciplinäre, doctrinelle und moralische Theil auf den richtig erkannten physischen Grundbedingungen fußt, von einer Entwicklungsstufe zur andern denselben sich naturgemäß anschließend, und wobei überhaupt die sich entwickelnde Menschennatur als Ganzes, also in harmonischer Vereinigung der leiblichen und geistigen Seite aufgefaßt wird.“ (SCHREBER, citado por HEINDL, 1859: 397).

tudo é imitação, emana do fato de que o corpo humano até a troca dos dentes – naturalmente se trata de algo que vai diminuindo, sendo mais forte na primeira infância, mas presente até a troca completa – luta por uma mudança na vida com tais sentimentos, como mais tarde se manifestarão apenas na devoção religiosa ou em atos adoração. (STEINER, 2010 [1923], p. 52).⁶

Com a troca de dentes introduz-se uma grande mudança na totalidade da vida da criança. Esta transformação podemos observá-la imediatamente em um tópico particular. Vejam, qual é o fato decisivo para a criança? É verdadeiramente o que eu acabo de caracterizar, esta devoção corporal-religiosa em relação ao meio ambiente. Esta é fator decisivo. Na medida em que a criança vai trocando a dentição, ela obtém uma certa condição anímico-espiritual, em especial no período entre a entrada na escola e a puberdade. Vejam só: o que sobre o corpo humano acontece nos primeiros tempos de vida, volta mais tarde, depois da puberdade, manifestando-se como pensamento. (STEINER, 2010 [1923]:56).⁷

Cito, ainda outra afinidade eletiva com a instituição dos jardins de Schreber, suas prescrições pedagógicas, recomendações para a educação corporal e espiritual da infância, uma afinidade com outra linha de desenvolvimento, que constitui o mesmo impulso, o Movimento pela Cura Natural (*Naturheilbewegung*). Cinco seriam os elementos a serem considerados: luz, ar, água, movimento e alimentação. Ou seja, nada distante do que propunha Schreber e tampouco muito diferente do que pensava Steiner.

Em 1885 funda-se a Associação para o cuidado natural da saúde e da doença (*Verein für naturgemäße Gesundheits- und Krankenpflege*), a centésima organização desse tipo, inspirada, entre outros, no próprio Schreber, mas também naquele que é considerado o *pai* do Turnen (ginástica alemã), Jahn (MÜLLER; KLÖTZER, 2005). Ginástica geral, prevenção à masturbação, disciplina do corpo, de um lado, tudo impulsionado na direção de uma vida naturalmente forte.

Por outro lado, toda uma prescrição destinada à medicina e à cura natural entrava em conflito com a nascente medicina científica. A relação entre elas, como mostra Avi Sharma (2011), é ambígua. Ora a própria Universidade a assume como parte do conhecimento a ser transmitido para os futuros médicos, ora coloca-se o

⁶ Das ganze sinnlich-physische Verhalten des Kindes, indem es alles nachahmt, ist ein Ausfluß dessen, daß der Leib des Menschen bis zum Zahnwechsel - natürlich allmählich abnehmend, besonders stark im ersten Kindesalter, aber doch bis zum Zahnwechsel hin - strebt nach einem Durchlebtwerden mit solchen Gefühlen, wie sie später nur in der religiösen Hingebung oder in der Teilnahme an Kultushandlungen zum Ausdruck kommen.

⁷ Mit dem Zahnwechsel tritt eine große Veränderung im ganzen Leben des Kindes ein. Diese Veränderung, wir können sie zunächst an einem bestimmten Element beobachten. Sehen Sie, was ist denn eigentlich beim Kinde dasjenige, was das Ausschlaggebende ist? Es ist wirklich das, was ich eben charakterisiert habe, diese leiblich-religiöse Hingabe an die Umgebung. Das ist wirklich das Ausschlaggebende. Nun geht das Kind durch den Zahnwechsel durch, bekommt dann eine gewisse seelisch-geistige Konstitution gerade im volksschulmäßigen Alter zwischen dem Zahnwechsel und der Geschlechtsreife. Nun sehen Sie: was da leiblich wirkt im Menschen in der ersten Lebensperiode, es kommt erst im späteren Lebensalter, wenn der Mensch die Geschlechtsreife schon durchgemacht hat, als Gedanken zum Vorschein.

rechaço que diz que as medidas naturais para a cura seriam, na melhor das hipóteses, ineficientes, na pior delas, charlatanismo. Mas isso acontece nas últimas décadas do século dezenove e início do século passado. Antes disso, as práticas dos leigos conviviam em harmonia com as dos médicos formados, de forma semelhante ao que acontecia ainda no Medievo, quando ciência e magia se estruturavam não propriamente em harmonia, mas, no ideário centro-europeu, como complementaridade.

Essa é uma problemática que até hoje se coloca. Os naturistas ganharam fôlego e espaço na sociedade contemporânea, chegando até a estabelecer cursos superiores de *naturologia*, bem como vendo suas ideias serem parcialmente incorporadas pela indústria farmacêutica e de cosméticos. Terapias alternativas de todos os matizes convivem com o reconhecimento incerto e variável das práticas científicas. Esta e outras questões, enfrentadas por Schreber, mantêm, portanto, enorme atualidade.

Reforma da Vida – Uma Crítica

Em 1947, Max Horkheimer e Theodor W. Adorno publicaram um trabalho que permaneceu obscuro durante cerca de vinte anos, para logo depois tornar-se um dos textos mais importantes do pensamento filosófico do século vinte. Escrito na Califórnia, mas publicado na Holanda em língua alemã, *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* é um breve livro com três capítulos, dois excursos ao primeiro deles, mais um conjunto relativamente extenso de notas e esboços sobre temas diversos, da anestesia à estupidez, da pulsão de morte ao crime. Uma severa autocrítica à razão e à *Aufklärung* (Iluminismo/Esclarecimento) é ali empreendida, com desdobramentos para temas como a formação do sujeito, a ética e a moral, a cultura em crise, o totalitarismo político. O corpo é um dos fios condutores da obra, desde a crítica à razão (o corpo como seu *outro*), passando pelas formas de domínio nos esquemas da indústria cultural e do totalitarismo, pela formação do sujeito que subjuga sua dimensão somática, culminando com um pequeno texto ao final com o sugestivo título de *Interesse pelo corpo* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Embora clássico, é um livro-projeto, um *work in progress*, e de fato as notas e esboços deveriam, ao longo dos anos subsequentes, ser desenvolvidas com estrutura própria. Isso somente em parte aconteceu, em que pese o enorme volume de escritos que ambos perpetraram nas décadas seguintes, em especial se tratando de Adorno. A nota recém citada, *Interesse pelo corpo*, é uma intrincada argumentação de quatro ou cinco páginas, Nietzsche é confrontado com Marx e, entre eles, figuram Freud e o Marquês de Sade. Trata-se do corpo e da história nele impressa como história do Ocidente, que é a da desfiguração, do recalque e da destruição. Dor produzida e levada às últimas consequências, é isso que é

destinado ao corpo reprimido pelo trabalho expropriado em sua divisão social, dor legitimada pelas grandes religiões e pelos sistemas de dominação política, dor que se materializa no paradoxo do amor-ódio pelo corpo: louvado em seu asceticismo, odiado porque permanentemente interdito em sua gratificação pulsional.

Ao criticarem, mas não denegarem, civilização e progresso em sua dialética, Horkheimer e Adorno elaboram seus argumentos no contexto dessa discussão ao criticarem as formas de domínio sobre o corpo que o reduzem à mera condição de natureza a ser controlada:

Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça. Eles veem o corpo como um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros como se estes já estivessem separados. [...] É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada. Eles estão interessados na doença, à mesa já estão à espreita da morte do comensal, e seu interesse por tudo isso é só superficialmente racionalizado como interesse pela saúde (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 219).

Uma crítica semelhante empreenderia Adorno, alguns anos depois, em relação ao esporte, também tomado, em sua dimensão de extremado controle sobre o corpo, como forma perversa da experiência corporal, com o correspondente culto à obediência, ao autoritarismo, ao sofrimento: "Ao esporte pertence não apenas o impulso à violência, mas também o impulso a suportá-la e tolerá-la". (ADORNO, 1997: 79-80). O esporte seria uma tentativa de devolver ao corpo algo que a civilização lhe roubara, discurso correspondente ao ideário aristocrático ligado, por exemplo, ao movimento olímpico, cujas origens remontam ao final do século dezenove. Circunscrito ao mundo da não liberdade, o esporte seria, no entanto, vetor em direção inversa, promovendo a adaptação do ser humano não apenas à máquina, mas ao automatismo masoquista que o contemporâneo nos destina⁸.

Há outro registro na crítica ao progresso e à civilização que empreendem Horkheimer e Adorno. Ela se dirige, em aparente paradoxo, a outros críticos dessa mesma civilização e desse mesmo progresso que nos teria afastado da natureza, roubando-nos algo que seria parte inalienável de nossa condição. Se o afastamento de nossa condição de natureza é algo cujo resultado não escapa do logro ao pagarmos um alto tributo para vivermos em sociedade – como mostra a genial interpretação que fazem da Odisseia e de Ulisses, o protótipo do sujeito

⁸ Deriva dessa posição de Adorno uma boa parte da sustentação do que se convencionou chamar de Teoria Crítica do Esporte, representada, entre outros, por Bero Rigauer (1969), segundo o qual, entre outros aspectos, o esporte repetiria a dinâmica da linha de montagem das fábricas.

esclarecido – não seria o retorno a tal condição que faria cumprir a promessa de felicidade. Esta seria uma posição dos críticos conservadores ou mesmo reacionários da cultura. Horkheimer e Adorno (1985, p. 217) escrevem que “[...] as tentativas dos românticos, nos séculos dezanove e vinte, de levar a um renascimento do corpo (*Leib*) apenas idealizam algo de morto e mutilado”. E prosseguem:

Não se pode mais reverter o corpo físico (*Körper*) no corpo vivo (*Leib*). Ele permanece um cadáver, por mais exercitado que seja. A transformação em algo de morto, que se anuncia em seu nome, foi uma parte desse processo perene que transformava a natureza em matéria e material. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 218).

Esta volta à natureza preconizada no século dezanove e na primeira metade do século vinte seria expressão tanto da indústria cultural – com toda uma filmografia que endeusaria a natureza e o rústico em heróis pouco civilizados, não corrompidos pela civilização – quanto da dominação política, esta sempre apelando para as fantasias raciais vinculadas à pureza e à ameaça de contaminação trazida por toda mescla e pela história. É preciso manter a pureza mitológica, livre de qualquer tipo de contaminação. Por isso o arrepio frente a outras etnias, demarcadas também como natureza, mas impura, a ser corrigida na forma de seu extermínio. “O amor da propaganda totalitária pela natureza e pelo destino é apenas uma superficial formação reativa a essa servidão ao corpo, à civilização malograda”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 219). Por isso também a contemporânea perseguição a todo tipo de corpo que não atender à certa normatividade que, se posso dizer de forma muito sintética, obedece aos parâmetros compulsórios da heterossexualidade, da pele branca, da cingeneridade, do patriarcado.

Retomemos a expressão, ela mesma um tanto enigmática – “Não se pode mais reverter o corpo físico (*Körper*) no corpo vivo (*Leib*)” – e como ela encontra exemplos na crítica frankfurtiana nos termos da indústria cultural:

É justamente porque o mecanismo de dominação social a vê como a antítese salutar da sociedade que a natureza se vê integrada à sociedade incurável e, assim, malbaratada. [...] a natureza e a técnica são mobilizadas contra o mofo, contra a lembrança falsificada da sociedade liberal, na qual, segundo se diz, as pessoas se fechavam em quartos abafados revestidos de pelúcia, ao invés de praticar, como é o costume hoje em dia, um naturismo assexuado [...]” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 139).

Horkheimer e Adorno tampouco poupam outras práticas, ao colocarem no mesmo eixo indústria cultural e dominação política, irmão siameses no processo de modernização experimentado no capitalismo monopolista. Nesse contexto, que é o da redução do corpo à pura natureza a ser dominada, e do elogio do irracionalismo, várias são as práticas que expressariam tal desumanização, muitas delas com presença ou parentesco com a Reforma da vida:

Os sistemas obscuros realizam hoje o que o mito do diabo da religião oficial permitia aos homens da Idade Média: a atribuição arbitrária de um sentido ao mundo exterior, atribuição essa que também o paranoico faz em seu isolamento segundo um esquema privado, que não é partilhado por ninguém e que por isso mesmo parece rigorosamente louco. Para escapar a isso há os conventículos e panaceias fatais que se pretendem científicos e, ao mesmo tempo, bloqueiam o pensamento: teosofia, numerologia, medicina natural, euritmia, doutrinas pregando a abstinência, ioga e inúmeras outras seitas, todas com academias, hierarquias, linguagens especializadas e as fórmulas fetichizadas da ciência e da religião. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 183).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas sobre a importância da Reforma da vida para a experiência moderna, marca daquela resistência à industrialização, urbanização, à perda das potencialidades do corpo, aprisionado em espartilhos, dominado pela máquina, sufocado pela falta de exercícios, ar poluído e alimentação desequilibrada. Pela pouca atenção às crianças.

Se é possível reunir diversas práticas sob a rubrica de Reforma da vida, não é possível tratar tudo da mesma forma. A crítica de Horkheimer e Adorno, embora se refira à ginástica e sua afinidade com os excursionistas e homicidas, apenas resvala nas assertivas e prescrições de Schreber, ainda que envolva o espírito que o anima. Muito mais dura é a crítica às formas místicas representadas pelas prescrições de Rudolf Steiner, por exemplo. No espírito de um livro-projeto que anuncia metodologia e temas, a crítica de Dialética do esclarecimento talvez seja pouco nuançada, deixando o convite para que a pesquisa sobre os lugares e sentidos das práticas vinculadas à *Lebensreform* na sociedade sigam sendo pesquisadas.

Impressiona a quantidade e o detalhamento das assertivas de Schreber sobre os cuidados com o corpo e a vida nos jardins. Ele é fruto da vida intelectual e política do século dezenove na Alemanha, portanto não pode deixar de ser cientificista e não se afasta dos ideais vitalistas que prescrevem um modelo de corpo e de seu controle. Mas não há como negar o pioneirismo de suas críticas ao modelo civilizador que foi preponderante no em seu tempo, levantando questões que até hoje estão em pauta e apontando saídas pedagógicas e políticas para ela.

O século dezenove não pode ser entendido sem que se conheça a Reforma da vida. Se ele tomou o corpo como importante referência – fosse no trabalho, no controle da sexualidade ou nas práticas esportivas e ginásticas – é porque por meio do somático também se conta uma história. Esta é a história da modernidade, em uma vertente que não é, certamente, a mais conhecida, mas nem por isso é

menos importante. Schreber, nesse sentido, é um moderno que propõe cuidados ao corpo, mas não o culto a ele. Em tempos de grandes templos destinados ao corpo e seu fortalecimento, talvez a retomada de suas contribuições possa nos dizer algo sobre as promessas da modernidade, não apenas aquelas não cumpridas em relação à razão e seus destinos, como bem apontaram Horkheimer e Adorno, mas também em relação ao corpo e suas expressões.

AGRADECIMENTOS

O trabalho é resultado do projeto "Reforma da vida: uma outra modernidade", coordenado por Vanilda Pereira Paiva e financiado pelo CNPq. Compõe, além disso, o programa de pesquisas "Teoria Crítica, Racionalidades e Educação V", também apoiado pelo CNPq (processos 423773/2018-6 e 310115/2017-5).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Veblens Angriff auf die Kultur*. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*. (v. 10-1) Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. p. 72-96.
- BENJAMIN, Walter. *Über Kinder, Jugend und Erziehung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969.
- COENEN, Friedrich. *Das Berliner Laubenkoloniewesen seine Mängel und seine Reform*. Vandenhoeck & Ruprecht: Göttingen, 1911.
- HEINDL, Joh Bapt. *Galerie berühmter Pädagogen, verdienter Schulmänner, Jugend- und Volksschriftsteller und Componisten aus der Gegenwart in Biographien und biographischen Skizzen*. (v. 1). Munique: Joseph Anton Finsterlin, 1859.
- HOBBSAWN, Eric. *Age of Extremes: The Short Twentieth Century 1914-1991*. 3. reimpressão. Londres: Abacus, 1997.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KRAUSE, Gerlinde. *Kleingartenparks als Weiterentwicklung von Kleingartenanlagen*. In: *Bundesverband Deutscher Gartenfreunde e.V.* Berlin: BDG, ano 34, Heft/2012, p. 52-73.
- QUITZAU, Evelise Amgarten. *Da 'Ginástica para a juventude' a 'A ginástica alemã': observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 37, n. 2, p. 111-181, 2015.
- RIGAUER, Bero. *Sport und Arbeit*. Frankfurt: Suhrkamp, 1969.
- ROTEMBERG, Robert. *Landscape an Power in Vienna*. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 1995.

SANTNER, Eric L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SCHREBER, Daniel Gottlob Moritz. *Das Pangymnastikon, oder, Das ganze Turnsystem an einem einzigen Geräthe ohne Raumerforderniss: für Schulanstalten, Haus-Turner und Turnvereine* Leipzig: Friedrich Fleischer, 1858.

STEINER, Rudolf. Die pädagogische Praxis vom Gesichtspunkte geisteswissenschaftlicher Menschenerkenntnis. Die Erziehung des Kindes und jüngeren Menschen. Acht Vorträge Dornach, 15. bis 22. April 1923. (*RUDOLF STEINER ONLINE ARCHIV* <http://anthroposophie.byu.edu> 4. Auflage 2010). Acesso em: 8 mar. 2014.

STEINER, Rudolf. *Andar, falar, pensar: a atividade lúdica*. Dois temas de conferência proferida em Ilkley (Inglaterra), em 10 de agosto de 1923. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2005.

SHARMA, Avi. Medicine from the Margins? Naturheilkunde from Medical Heterodoxy to the University of Berlin, 1889–1920. *Social History of Medicine*, v. 24, n. 2, p. 334–351. 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo*. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

VIGARELLO, Giorgio. *Le corps redressé, histoire d'un pouvoir pédagogique*. 13. ed. Paris: Armand Colin, 2004.